

A DESCONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO

Sandra Puliezi¹

Resumo: Esse ensaio analisa os rumos da alfabetização no Brasil sob o olhar de uma pesquisadora que durante muito tempo foi uma professora alfabetizadora. O texto propõe que os profissionais interessados pela alfabetização procurem as mais atuais referências e resultados de pesquisas sobre esse assunto para começar a pensar em mudanças nos atuais métodos de ensino. Para tanto, discute-se a aprendizagem da leitura pelas crianças a partir da experiência profissional de uma professora e à luz dos conhecimentos que estão sendo produzidos pela Psicologia Cognitiva da Leitura.

Palavras-chave: Alfabetização; Leitura; fonema; Consciência fonológica; Métodos de ensino.

THE DECONSTRUCTION OF LITERACY

Abstract: This essay analyzes the direction of literacy in Brazil under the perspective of a researcher who was a literacy teacher for a long time. The text proposes that professionals interested on literacy seek for the most recent references and research results about this matter so they can think about changing current teaching methods. To do so, we will discuss the children's learning process of reading based on the professional experience of a teacher and in the light of the knowledge produced by Cognitive Psychology of Reading.

Key-words: Literacy, Reading; Phoneme; Phonological consciousness; Teaching methods.

O passado, o presente e o futuro da alfabetização

Todos sabemos que a qualidade da educação no Brasil não é boa e uma das principais razões desse problema é que grande parte dos alunos que passam pelo 1º e 2º ano do ensino fundamental não aprendem a ler. O fraco desempenho pode ser comprovado nos resultados do SARESP 2011 que mostrou que 5% dos alunos da rede estadual matriculados no 3º ano do ensino fundamental ainda não estavam alfabetizados e outros 19% escreviam precariamente, sem autonomia de leitura. No SARESP 2012 a situação se repetiu: 4,7% dos alunos do 3º ano não sabiam escrever e outros 21% escreviam precariamente (SARESP, 2011, 2012). Frente a esses números algumas perguntas precisam ser feitas: por que essas crianças não aprendem a ler? Que ensino é esse que não cumpre sua função?

Com certeza muitos fatores estão envolvidos, como por exemplo, salas de aulas lotadas, professores sem formação, alunos com problemas de aprendizagem, e muitos outros (GATTI, 2005). Mas em se tratando de alfabetização, há ainda um problema muito maior que deve ser questionado e enfrentado: a “doutrina” do método global (que as pessoas no Brasil denominam construtivismo) que se espalhou pelo país.

¹ Doutoranda no programa de Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Educação, psicopedagoga, pedagoga e especialista em alfabetização. E-mail: spuliezi@gmail.com

Antes de tudo, gostaria de dizer que fui professora alfabetizadora por muitos anos, trabalhando na rede pública do município de São Paulo. Eu, assim como muitas outras professoras, tive minha formação em alfabetização pautada no entendimento das fases da escrita de Emília Ferreiro (1986) e na crença de que a criança aprende a ler com textos (método global). Sou adepta de que a educação deve proporcionar reflexão e construção do raciocínio e por esse motivo, me encantava com tudo o que ouvia, e na medida do possível, procurava por em prática.

Na docência eu trabalhava com textos, acreditava que as crianças aprendiam a ler lendo. Mesmo os alunos que não sabiam escrever, escreviam, da maneira deles (utilizando letras quaisquer, que não correspondiam ao que queriam escrever), eu os encorajava a isso. O fato é que os meses iam passando e nem todos os alunos se alfabetizavam. No fim do ano cerca de 30 a 40% das crianças ainda não sabiam ler, ou como nós dizíamos, estavam ainda no começo do processo de desenvolvimento da escrita. E seguiam assim para a série seguinte.

A cada fim de ano eu realizava uma auto-avaliação revendo tudo o que dava e não dava certo. Aos poucos, fui melhorando e aperfeiçoando minha prática. Com essa ação fui conseguindo elevar as taxas de alfabetização na minha sala de aula até que chegou o ano em que, já em novembro, 100% dos meus alunos estavam alfabetizados. Nesse ano, novamente parei para me auto-avaliar. O que tinha dado certo? O que tinha mudado na minha prática no decorrer dos anos? E foi exatamente a resposta a essas perguntas que me levaram a questionar tudo o que eu sabia “teoricamente” sobre alfabetização.

Percebi que eu estava ensinando as crianças a ler com letras, fonemas, sílabas e palavras ao invés de textos e foi essa combinação que me permitiu alfabetizar todos os alunos. Decidi que deveria estudar mais, caminho que me levou ao mestrado em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica-PUC-SP.

Em dois anos de mestrado aprendi na PUC o que não aprendi na graduação e em todos os cursos de alfabetização que fiz em minha vida. Pesquisas recentes na área da Psicologia Cognitiva da Leitura têm mostrado que é o trabalho contínuo com letras, fonemas, sílabas e palavras que leva a criança a compreender como funciona o sistema de escrita. Mas aí muitos educadores vão dizer: Utilizar sílabas? Que absurdo! Isso é tradicional! Isso é um retrocesso! E eu pergunto: Retrocesso a quê?

Vamos parar por um minuto e esclarecer algumas questões. Como eu disse no início desse ensaio, sou completamente a favor de promover a reflexão e construção do raciocínio dos alunos. Acredito que à criança deve ser dada a oportunidade de pensar e refletir sobre o que ela aprende.

Assim sendo, em todas as situações de ensino e aprendizagem, inclusive na alfabetização, acredito que o conhecimento é construído, no sentido de que o indivíduo pensa ativamente nas informações que lhe são transmitidas (BECKER, 1992).

No 1º ano do ensino fundamental, durante o processo de alfabetização, a criança tem que construir o conhecimento acerca de como se escreve, e para isso precisa deve ser ensinada, ela não descobre como escrever sozinha (que é o que está sendo proposto em muitas salas de alfabetização). Compreender o sistema alfabético não é nada fácil, e fica ainda mais complicado quando não damos à criança as condições necessárias para ela

pensar e refletir sobre a escrita e dar as condições necessárias significa ensinar as relações entre as letras e fonemas (MORAIS, 2013).

Pense em você aprendendo uma língua diferente, por exemplo, alemão. Você está diante de símbolos que desconhece o que significam e não sabe como devem ser usados. Como você acha que vai aprender? Pense em duas situações: um professor (A) vem até você e mostra a função daqueles símbolos, diz que eles são usados para representar a fala, ensina quais são os fonemas de cada um e vai aos poucos te orientando para escrever, juntando os símbolos e formando palavras, mostrando as diferenças de entonação. Outro professor (B) coloca diante de você um texto em alemão e pede para que você leia as palavras, mesmo que você não saiba ler. Depois pede para que escreva uma lista de animais, mesmo que você não saiba escrever. Você deve escrever do “seu jeito”, ou seja, você deve reinventar a escrita (invenção que o homem demorou milhares de anos para inventar e aperfeiçoar).

Agora me diga: quem você acha que vai aprender mais rápido? Talvez até o segundo aluno venha a aprender, mas a custo de muito esforço e tempo. E eu ainda pergunto: será mesmo que ele vai conseguir aprender dessa maneira? Ele vai aprender por esse “método” ou vai aprender porque em casa, seus pais, vendo o sofrimento do filho, ensinam a ele da maneira que aprenderam na escola, ou então os irmãos mais velhos contam a ele que as letras representam os sons da fala?

Se pararmos para pensar, qual é a orientação que hoje está sendo predominantemente transmitida para os professores alfabetizadores no Brasil, principalmente em São Paulo? O método utilizado em muitas escolas brasileiras se parece mais com o do professor A ou B?

Como eu disse antes, por muitos anos fui a professora B. Vendo que os alunos não aprendiam, procurei outros recursos para ensinar, porque a responsabilidade de um professor alfabetizador é imensa. Temos nas mãos o futuro de uma criança, pois se ela não aprende a ler e escrever logo no início, tem o seu futuro escolar comprometido.

Acredito que os alunos possam refletir durante o processo de alfabetização, desde que lhes sejam oferecidas as condições básicas, ou seja, desde que possamos ensinar o que são letras e fonemas e também ensinar como juntar fonemas para escrever sílabas e palavras. Mas, infelizmente, a orientação que encontramos nos documentos oficiais do Brasil (1997) é de que as crianças devem aprender a ler com textos, ou seja, os professores devem usar o método global.

É importante que os professores e autoridades brasileiras saibam que há países como, por exemplo, Estados Unidos e França, que também alfabetizavam as crianças com o método global (método centrado na compreensão de textos e no reconhecimento global da palavra, daí o nome método global), e que agora estão reavaliando suas propostas didáticas (CAPOVILA, 2005; NRP, 2000). Governo e pesquisadores estão caminhando juntos para tentar melhorar a qualidade da educação, mais precisamente, da alfabetização. E é o que o Brasil deveria fazer: admitir que os resultados das avaliações de ensino não estão bons e rever a proposta didática de alfabetização que vigora hoje no país (PCN, 1998), encarando esse problema de frente. Não é um processo fácil, mas é um passo que devemos dar para que possamos melhorar a qualidade da educação.

Esforços nesse sentido têm sido feitos, como por exemplo, o Seminário Internacional de Alfabetização, realizado na PUCSP em 2011, o Relatório sobre a alfabetização infantil,² encomendado pela câmara dos deputados a alguns pesquisadores brasileiros e estrangeiros e várias palestras, seminários e encontros realizados pelo Instituto Alfa e Beto.³ Porém, essas iniciativas ainda são pouco divulgadas na área da Educação.

A pergunta que pode ser feita depois do que coloquei é: como vamos alfabetizar então? E eu respondo: pesquisas atuais, nacionais e internacionais, mostram que as crianças aprendem muito mais rápido e com muito mais facilidade quando lhes é ensinado o funcionamento do nosso sistema de escrita, ou seja, quando lhes é ensinado que as letras representam os sons da fala (MALUF; BARRERA, 1997).

Dentro da perspectiva da Psicologia Cognitiva da Leitura a consciência fonológica destaca-se como uma habilidade importante no início da aprendizagem da linguagem escrita. Essa habilidade nos permite refletir sobre características sonoras das palavras e manipular os sons da fala de forma consciente. Para trabalhar a consciência fonológica, podemos desenvolver várias atividades que permitem a reflexão sobre sílabas, rimas e fonemas (PULIEZI, 2012).

Sim, voltamos a trabalhar com letras, fonemas e sílabas e isso não é um retrocesso. Hoje, os resultados das pesquisas nos mostram que as crianças se alfabetizam mais rápido se aprenderem com letras e fonemas. Vejam bem, não estamos sugerindo que as crianças escrevam ba-be-bi-bo-bu cem vezes. O que queremos é que elas saibam distinguir os sons da fala e saibam utilizá-los para refletir sobre a escrita e a leitura. Não queremos massacar a criança com atividades sem sentido, e sim dar elementos com os quais ela possa elaborar seu pensamento sobre a escrita.

Desta maneira, o que proponho para a alfabetização é: ensinar letras, fonemas, sílabas e palavras no começo do primeiro ano do ensino fundamental e só depois que as crianças entenderem as relações que regem o princípio alfabético⁴ e estiverem alfabetizadas, introduzimos pequenos textos para leitura, como cantigas e parlendas. Acredito que essa seja a chave para a alfabetização eficiente.

Se neste momento um professor que esteja lendo esse ensaio se incomodou com o que leu, eu atingi meu objetivo. Se não há incomodo não há mudanças e precisamos mudar. Nessas poucas palavras quis mostrar, resumidamente, que há saída para o problema da alfabetização.

Nós podemos mudar o futuro da educação desde que se tirem as vendas de todos aqueles que afirmam que a única e possível prática para ensinar a escrever é com textos. É claro que podemos e devemos usar os textos, eu nunca seria contra isso, mas não deve-

² Aos leitores interessados na história da alfabetização na França, EUA, ver Comissão de Educação e Cultura. Alfabetização Infantil: Os novos caminhos. Relatório Final do Grupo de Trabalho. Brasília: Comissão de Educação e Cultura, Câmara dos Deputados, 2003.

³ Mais informações sobre esse instituto veja: <http://www.alfaebeto.com.br/>

⁴ “Princípio de representação dos fonemas da língua por letras ou grafemas. O alfabeto é um sistema de escrita em que os caracteres, individualmente ou em grupos, representam fonemas, mesmo se o código ortográfico introduzir uma variabilidade considerável na relação grafema-fonema (MORAIS, 2013, p. 141).

mos usá-los para ensinar uma criança a ler e escrever, somente para desenvolver a escrita depois de aprendida.

Considerações finais

Esperamos que esse ensaio tenha surtido o efeito da reflexão sobre os atuais métodos de ensino em alfabetização. O Brasil não pode mais ignorar os progressos e avanços científicos apresentados pela ciência, assim como o exemplo de inúmeros países que têm avançado em melhorias nas práticas de alfabetização.

Nosso país precisa enxergar que as propostas pedagógicas vigentes não estão dando conta de ensinar nossos alunos a ler e escrever, e que, infelizmente, os grandes perdedores são as crianças das classes sociais menos favorecidas, que constituem a maioria da população que frequenta a escola pública.

Por que será que não encontramos nas escolas particulares o mesmo quadro que nas escolas públicas? Simplesmente porque essas escolas não seguem as políticas educacionais inconsistentes de alfabetização que são impositivas na rede pública de ensino.

Então, vamos acordar do sono dogmático que temos vivido na Educação desde os anos 80 e clamar por mudanças. Abram suas mentes, conheçam os progressos científicos realizados pela psicologia cognitiva da leitura. Há luz no fim do túnel - é só procurar por ela.

Referências

BECKER, F. O que é construtivismo? **Revista de Educação**, ano 21, n. 23, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997

CAPOVILLA, F. C. **Os novos caminhos da alfabetização infantil**. São Paulo: Memnon, 2005.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. São Paulo: Artes Médicas, 1986.

2005GATTI, B. A. Considerações sobre a qualidade da educação básica no Brasil. **Revista de Educação**, n. 48, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **SARESP 2011**: resultados gerais da rede estadual, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/19xG3lF>. Acesso em: 19 set. 2013.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **SARESP 2012**: resultados gerais da rede estadual, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/16mfsNx>. Acesso em: 19 set. 2013.

MALUF, M. R.; BARRERA, S. D. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.10, n.1, 1997.

MORAIS, J. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri: Mina editora, 2013.

PULIEZI, S. **Ensinando com letras e sons**: contribuições da psicologia cognitiva da leitura à educação. Salto: São Paulo: Schoba, 2012.

NRP- National Reading Panel. Teaching children to read: an evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction. Washington: Department of Health and Human Services, 2000.